



Reflexões em
Romanos

John Brown
de Haddington





Incentivamos qualquer tipo de divulgação deste material. A verdade não é propriedade de homem algum, e, portanto, não deve ter a sua circulação restringida.

“De graça recebestes, de graça dai”.

Mateus 10.8



Título:

Reflexões em Romanos
1ª Edição - Dezembro de 2021

Autor:

John Brown de Haddington

Título original:

The Self Interpreting Bible
- 1831 -

ÍNDICE

INTRODUÇÃO À EPÍSTOLA DO APÓSTOLO PAULO AOS ROMANOS	7
CAPÍTULO I	9
CAPÍTULO II	11
CAPÍTULO III	13
CAPÍTULO IV	15
CAPÍTULO V	17
CAPÍTULO VI	19
CAPÍTULO VII	21
CAPÍTULO VIII	23
CAPÍTULO IX	25
CAPÍTULO X	27
CAPÍTULO XI	29
CAPÍTULO XII	31
CAPÍTULO XIII	33
CAPÍTULO XIV	35
CAPÍTULO XV	37
CAPÍTULO XVI	39

A EPÍSTOLA DO APÓSTOLO PAULO AOS ROMANOS

Roma foi e é a principal cidade da Itália, sendo, por muito tempo, a senhora do mundo conhecido até então. Aos cristão de lá, embora não convertidos por suas ministrações, Paulo, enquanto apóstolo dos gentios, por volta de 60 a.D., escreveu esta excelente epístola, de modo a estabelecer suas mentes nos princípios condutores do Evangelho e dirigi-los a um aproveitamento adequado dele. Depois da introdução, afirmando sua própria missão apostólica e louvando a fé deles [dos romanos] (1.1-17), ele descreve tanto os gentios como os judeus como sendo tão pecaminosos que eles não poderiam ser justificados diante de Deus por meio de suas próprias obras (1.18-3.20); como a livre graça de Deus reina através da justiça de Jesus Cristo, para a justificação dos maiores pecadores (3.21-5); quais obrigações para que a santidade no coração e na vida estejam dispostas sobre os crentes, através da feliz liberdade e ricos privilégios que eles desfrutam nEle (6-8); e, enquanto ele traça todas as bênçãos do novo pacto até o propósito eterno e soberano de Deus como a verdadeira origem delas, ele aponta como a justa rejeição dos judeus pela sua incredulidade e o gracioso chamado dos gentios através do Evangelho, sem qualquer consideração às suas boas qualidades ou obras previstas, correspondeu exatamente a isto

[a saber, Seu propósito eterno e soberano] **(9-11)**; e, finalmente, exorta a uma multidão de deveres pessoais e relativos da incumbência destes romanos, enquanto membros do povo e, especialmente, da igreja **(12-16)**.

CAPÍTULO I

Contém **(1)** uma introdução, na qual Paulo afirma a sua comissão apostólica e apresenta Cristo como o objeto de suas ministrações: *v. 1-6*; saúda os santos em Roma, agradece a Deus e ora por eles: *v. 7-10*; e expressa seu sincero desejo e propósito de vê-los e pregar a eles: *v. 11-15*. **(2)** Uma ousada declaração da substância do Evangelho e da doutrina da justificação através da justiça imputada de Cristo: *v. 16 e 17*. **(3)** Uma apresentação da terrível impiedade dos gentios, provando que eles não poderiam ser justificados através das suas próprias obras: *v. 18-22*.

Anno Domini 60.

REFLEXÕES

Quão grande, pleno e apto Salvador é Deus na nossa natureza. Pois o Filho Unigênito de Deus é claramente manifestado em nosso prometido, nosso ressurreto Redentor. E as bênçãos da graça e da glória procedem dEle igualmente a como [procedem] de Seu Pai. Quão antigo, quão excelente é este Evangelho que manifesta tanto Ele como a Sua plenitude aos homens pecaminosos! Enquanto Ele é o autor e assunto do Evangelho, o grande propósito deste é trazer, de todos os lugares, tanto judeus como gentios à fé nEle e à obediência a Ele. Nele, a Sua justiça, enquanto nosso fiador, é revelada e concedida, e, por meio disso, os homens são poderosa e eficazmente salvos. E maravilhosa é a honra, e grande é a felicidade daqueles que participam dos seus efeitos salvíficos. É deleitoso e edificante ouvir da notável graça e santidade de outros, e, para os cristãos, [é deleitoso e edificante] comunicar as suas experiências espirituais uns com os outros.

Inexprimível é a honra de ser um ministro divinamente chamado, qualificado, diligente e bem sucedido de Cristo. E indispensável é a obrigação deles quanto à fiel, ousada e laboriosa pregação do Evangelho. Nem deve qualquer oposição ou desprezo dos homens torná-los envergonhados de sua obra.

A existência e as perfeições de Deus são manifestamente notadas nas Suas obras ao redor de nós e em nós. E, portanto, inescusável é a nossa rebelião contra Ele, e sufocantes são as naturais intimações que Ele nos tem dado de Si mesmo. Porém, ai!, que monstros os homens se tornam quando são deixados sós e são abandonados às concupiscências de seus próprios corações! Para estes, não há nada tão absurdo para intentar ou tão idólatra, bestial, antinatural, ou chocante para praticar. E diabólico é o temperamento daqueles que conseguem ter prazer na própria impiedade.

Grande é a misericórdia de ter a impiedade do nosso coração restringida e, especialmente, de tê-la subjugada pela graça de Deus. E, certamente, é impossível aos homens - aos quais tal impiedade lhes é natural - serem justificados pelas suas próprias obras ou por qualquer coisa que não seja a justiça infinitamente valiosa de Jesus Cristo.

CAPÍTULO II

(1) Prova que os judeus não poderiam ser justificados pela lei de Moisés mais do que os gentios poderiam ser pela lei da natureza: *v. 1-16*. (2) Pela detecção dos pecados dos judeus, manifesta que os seus privilégios externos, enquanto povo peculiar de Deus, não poderiam recomendá-los diante de Deus: *v. 17-29*.

Anno Domini 60.

REFLEXÕES

É vil e criminoso condenar o pecado nos outros, enquanto o toleramos em nós mesmos, ou continuar como trabalhadores da iniquidade sob a profissão de piedade. E desesperadora é a condição daqueles que endurecem-se no pecado, depois de ter apreendido ou experienciado as misericórdias de Deus. Certo e terrivelmente exato é o futuro julgamento dos homens através de Jesus Cristo. E as eternas punições ou as graciosas recompensas dos homens serão correspondentes às suas qualidades e obras. Todos os meios de iluminação e graça que foram recebidos serão levados em consideração. E é extremamente inútil, mais que isso, [é extremamente] perigoso possuir os privilégios externos, conhecimento extensivo, e uma profissão ortodoxa, sem a real santidade no coração e na vida. Nada apunhala mais profundamente a causa e honra de Deus do que aqueles que pecam contra a luz e provam que a sua profissão [de fé] é falsa.

Que obra rara, difícil e interna é o real cristianismo! Ele é elevadamente estimado por Deus, o único que conhece seu valor ou pode imediatamente discernir a sua existência. E é

infinitamente perigoso descansar em qualquer outra coisa que não seja Jesus Cristo e a Sua justiça como o único fundamento da nossa salvação.

CAPÍTULO III

(1) Responde a algumas objeções contra colocar os judeus no mesmo nível dos gentios no assunto da justificação: *v. 1-8.* (2) Prova, a partir do Antigo Testamento, que toda a humanidade, tanto os judeus quanto os gentios, é pecadora: *v. 9-20.* (3) Por esta razão, infere e prova que a justificação de nossas pessoas não pode ser alcançada pelas nossas próprias obras, mas que pertence inteiramente à livre graça de Deus, através da justiça de Cristo imputada a nós, e recebida pela fé: *v. 19-31.*

Anno Domini 60.

REFLEXÕES

É um incalculável privilégio desfrutar da Palavra e das ordenanças de Deus; e, contudo, é mui perigoso descansar nelas. É impossível frustrar os propósitos ou as promessas de Deus. O eleito [somente] obterá salvação, e [todo] o resto são cegos. É muito comum para os ministros, especialmente se forem fiéis, serem violentamente reprovados. E é justa a condenação daqueles que abusam das doutrinas da graça para encorajarem a si mesmos na licenciosidade. Quão universal e temível é a depravação da humanidade! Ela se revela em inúmeras formas de pensamentos, palavras e ações, em coisas desonrosas a Deus e injuriosas aos homens. A lei divina opera terror sobre as consciências dos homens quando ela acusa todos os seus pecados que habitam neles. E é absurdo esperar felicidade por esta lei que nos acusa dos crimes tão profundamente.

Porém, quão surpreendente é que a justiça de Jesus e a salvação através dEle fossem preparadas, oferecidas e dadas para tais monstros culpados, judeus ou gentios! E, contudo, elas são exatamente adequadas para a nossa necessidade, que é plenamente manifestada e atestada na Escritura; e todas as perfeições de Deus, particularmente a Sua justiça e misericórdia, são, através disso, elevada e deleitosamente glorificadas na nossa redenção. Sim, o reino da Sua graça, através da justiça de Jesus imputada, recebida pela fé, efetivamente humilha o nosso orgulho, estabelece a relação de Deus conosco, honra a Sua lei e promove a nossa santidade de coração e de vida.

CAPÍTULO IV

Para confirmar a doutrina da justificação pela fé na justiça de Cristo, Paulo demonstra **(1)** que Abraão foi justificado, não pelas suas obras, mas através da justiça recebida pela fé, antes que fosse circuncidado: *v. 1-12.* **(2)** Que ele recebeu a promessa para si mesmo e para a sua descendência, não por causa de suas obras, mas através da justiça que vem da fé: *v. 13-22.* **(3)** Que todos os outros, judeus ou gentios, são justificados no mesmíssimo modo de crer: *v. 23-25.*

Anno Domini 60.

REFLEXÕES

O melhor dos homens não pode obter qualquer coisa pelas suas próprias obras, senão a ira eterna. Porém, a justificação através da justiça imputada de Jesus abre uma porta de esperança aos transgressores mais hediondos que a recebem pela fé. Este método, de uma só vez, assegura deleitosamente a mais elevada glória a Deus e [a mais elevada] felicidade a todos os crentes. E a morte e a ressurreição do nosso Redentor harmoniosamente cooperam em promover a nossa plena salvação e consolo. Aqui temos um fundamento seguro para a fé mais firme nas promessas de um Deus fiel, Todo-Poderoso e imutável, apesar de todas as obstruções e desencorajamentos em nós mesmos ou em outros que permanecem no caminho do cumprimento delas [a saber, do cumprimento das promessas]. E grande é a misericórdia de que, agora, a justiça, a graça e a salvação sejam estendidas aos gentios que crêem tanto quanto aos judeus, quanto a Abraão, e

quaisquer coisas que estejam registradas concernentes a ele ou a Davi são garantidas a nós para encorajar nossa fé e esperança. E é mui necessário, para nossa instrução e nosso consolo, observar precisamente, em todo lugar na Escritura, aquilo que se relaciona à justificação de um pecador diante de Deus.

CAPÍTULO V

Ilustra a doutrina da justificação, na demonstração **(1)** dos alegres frutos e suas causas: *v. 1-11*; **(2)** da necessidade universal desta livre justificação através da justiça de Cristo, devido ao domínio universal do pecado e da morte por causa da queda de Adão: *v. 12-14*; **(3)** de que a justiça de Cristo imputada é tão poderosa para justificar e salvar os crentes, ou melhor, mais [poderosa] do que a queda de Adão para condenar e arruinar sua posteridade natural: *v. 15-21*.

Anno Domini 60.

REFLEXÕES

Triplamente feliz é o estado ao qual os crentes são trazidos por meio do Evangelho! Deleitosamente, a livre justificação, a paz com Deus, o estabelecimento espiritual, o consolo e as bem fundamentadas esperanças da felicidade eterna vêm a nós através da Pessoa e do sangue de Jesus. E todas as coisas, surpreendentemente, operam juntamente para o nosso bem-estar espiritual e eterno. Transcendente e sem limite é o amor de Deus manifestado na obediência e na morte de Jesus por nós, que somos tão profanos, perversos e miseráveis. E certa e plena é a nossa salvação eterna por meio Dele. Visto que toda a humanidade (sem excetuar os infantes) é universalmente afundada no pecado, na condenação e na morte, através da queda de Adão; Deus, maravilhosamente, por meio disso, toma ocasião, a partir daquela terrível destruição, para manifestar a abundante virtude da justiça imputada do Seu Filho e de Sua própria livre graça.

As bênçãos trazidas em Jesus e através Dele, o nosso Cabeça do Novo-Pacto, à Sua semente espiritual são muito maiores e mais efetivas do que todas as perdas e faltas ocasionadas por Adão em sua posteridade natural. Oh!, minha alma, contemple, creia, admire e participe destas glórias, destas bênçãos da graça redentiva.

CAPÍTULO VI

Apresenta a santificação da natureza e da vida como o fruto necessário e um anexo inseparável da livre justificação através da justiça imputada de Cristo, e inculca isto nos crentes como uma necessidade absoluta para eles, pois **(1)** eles estão mortos para o pecado: *v. 1, 2*; **(2)** eles foram batizados em Cristo e unidos a Ele: *v. 3-10*; **(3)** eles foram feitos vivos para Deus e libertados do domínio do pecado, bem como da lei, enquanto um pacto: *v. 11-20*; **(4)** os frutos do pecado e da santidade são infinitamente diferentes: *v. 21-23*.

Anno Domini 60.

REFLEXÕES

Infundado e mui injurioso é todo ensino de licenciosidade com base na doutrina da livre justificação dos pecadores por meio da justiça imputada de Cristo. Nada é mais detestável para um coração renovado do que continuar no pecado com a desculpa de que a graça abunda, ou para que ela possa abundar. Pois, embora as nossas boas obras não adquiram a nossa justificação pela graça (embora necessariamente fluam dela), tolerar a nós mesmos no pecado, ou negligenciar a busca pela santidade, é uma completa contradição em relação a todo o significado e compromissos de nosso batismo, bem como é absolutamente inconsistente com o nosso caráter, privilégio ou dever, enquanto membros de Cristo e participantes da Sua graça e glória. Certamente, deleitosos, excelentes e úteis são os efeitos da graça regeneradora. Que morte para o pecado [a graça regeneradora nos traz]! Que

despertamento espiritual para a nossa vida santa e celestial! Que andar santo, confortável e edificante diante de Deus, [agora nós temos] a partir de novos princípios e objetivos, e depois do novo padrão de Cristo, e pela virtude derivada de Sua morte e ressurreição! Então, há necessidade de nos examinarmos completamente, se é o pecado ou a santidade que tem crescido em nossos corações e vidas. É vergonhoso que, depois de nossa conversão, sejamos menos para o Senhor Jesus Cristo do que aquilo que éramos antes dela para o pecado. E todos os livramentos do pecado da Nova Aliança devem torná-lo, bem como seus serviços, detestável para nós. Ai! Que confusão e ira vêm sobre o pecado. Porém, abundante, eterna e livre é a redenção que vem até nós através de Jesus Cristo.

CAPÍTULO VII

(1) Argumenta sobre a liberdade dos santos da lei cerimonial, bem como da lei moral enquanto um pacto de obras, como um argumento para a sua busca mais sincera pela santidade: *v. 1-6*. (2) A partir de sua própria experiência, Paulo demonstra o uso e a excelência da lei moral, apesar da sua insuficiência para remover a culpa ou subjugar o poder do pecado: *v. 7-13*. (3) Descreve o conflito espiritual entre a habitação do pecado e da graça no coração do crente: *v. 14-25*.

Anno Domini 60.

REFLEXÕES

Maravilhosa, mas certa, gloriosa e plena é a libertação do violado pacto de obras, por meio da união com Cristo e o interesse em Sua justiça, pela qual Ele cumpriu este [pacto de obras] em nosso lugar. E essa libertação poderosamente promove a renovação do nosso coração e a reforma de nossa vida. É impossível obter a justificação, ou até mesmo a verdadeira santificação, por meio da lei violada. E as agudas convicções [que são obtidas] por meio dela fazem uma terrível obra nos corações e consciências dos homens. Jesus e a Sua graça encontram os pecadores não regenerados na condição mais deplorável. E terrível é a natureza do pecado, a qual perverte até mesmo a santa lei de Deus, e [terríveis são também] as convicções [obtidas] por meio dela, como uma ocasião para o fortalecimento e enfurecimento das concupiscências perversas. Ai! Quantos restos de corrupção [ainda] são encontrados no melhor [dos

santos] sobre a terra! Que praga e fardo isto é para os crentes, e que impedimento para a santidade! Porém, maravilhosa e misericordiosa é a criação e preservação dos graciosos hábitos e dos santos princípios em meio a tanta corrupção pecaminosa. E é uma marca certa da graça interior governando a alma, quando o senso dos pecados internos ocasionam suspiros tão pesados e gemidos tão pesarosos diante de Deus. A batalha pode ser dolorida, mas a vitória, por meio de Jesus Cristo, virá no final! Possa o Senhor apressá-la em minha alma, no Seu tempo.

CAPÍTULO VIII

Apresenta os privilégios dos santos, enquanto libertados da lei em **(1)** sua liberdade espiritual e afeição às coisas espirituais: *v. 1-8*. **(2)** Sua posse do Espírito, como o vivificador, santificador e guia; a testemunha de que são filhos de Deus e herdeiros da glória: *v. 9-17*; bem como [sendo o Espírito Santo] o assistente nas orações: *v. 16, 27*. **(3)** Seu consolo debaixo das presentes tribulações, por meio das esperanças da felicidade futura: *v. 18-25*. **(4)** Seu interesse no amor predestinado de Deus como a fonte original de diversas bênçãos no tempo e na eternidade: *v. 28-30*. **(5)** Seu triunfo, através de Cristo, sobre todos os inimigos da salvação deles, e a natureza imutável do amor Seu e de Seu Pai: *v. 31-39*.

Anno Domini 60.

REFLEXÕES

Que terrível obra o pecado opera no mundo! De modo mais aviltante, o pecado voltou a inclinação natural do nosso coração para as coisas terrenas e para uma fixa e maliciosa oposição e ódio contra Deus e a Sua lei. O pecado trouxe a corrupção e as maldições sobre toda a criação inferior; e suas aflições e enfermidades ainda ferem até mesmo os crentes. Porém, grande é a segurança, consolo, honra e felicidade daqueles que estão unidos a Jesus Cristo. A justificação deles é completa; a natureza e a vida deles são, em parte, renovadas; e a graça implantada os governa. A iniciação de uma mente espiritual neles, sua possessão do Espírito de Cristo, seu conflito com as corrupções

remanescentes, sua herança com Cristo, seu sofrimento por causa dEle, e a sua súplica por Suas misericórdias são garantias e penhores da sua completa e eterna glorificação, e que rapidamente os levarão a isso. Prontamente todas as coisas promovem, e as perfeições, propósitos e providências de Deus, bem como a morte justificadora e a poderosa intercessão de Cristo, asseguram seu bem-estar pleno e eterno. Por que, então, não triunfamos sempre naquilo que Ele é para nós, bem como naquilo que tem feito e fará por nós e para nós!? Por que não nos regozijamos muito e sempre nas esperanças da glória de Deus!? Por que não somos constantemente apanhados em admiração, inflamados totalmente pela visão do Seu amor redentivo!? Nenhuma coisa criada deveria inquietar os nossos corações, visto que nada pode nos separar da Pessoa de Jesus, ou nos privar do amor Seu e de Seu Pai.

CAPÍTULO IX

(1) Apresenta a profunda preocupação de Paulo de que a maioria dos seus compatriotas, os judeus, a despeito de todos os seus distintos privilégios, fossem estranhos e rejeitadores das grandes bênçãos do Evangelho: *v. 1-5*. (2) Ilustra a soberania de Deus em conceder Seus favores; e mostra que as promessas dadas aos pais são, no entanto, cumpridas na semente espiritual de Abraão, para que o propósito de Deus pudesse permanecer: *v. 6-13*. (3) Ao responder a objeções, demonstra que a soberania de Deus é manifestada tanto no exercício de Sua misericórdia quanto da Sua justiça em Sua forma de lidar com judeus e gentios: *v. 14-29*. (4) Mostra que os judeus não tinham razão para reclamar que os gentios receberam a justificação pela fé, visto que eles mesmos falharam nisso ao se recusarem a buscá-la no caminho da livre graça: *v. 30-33*.

Anno Domini 60.

REFLEXÕES

Certa e evidente é a suprema Divindade de Jesus Cristo e de Seu Espírito, que sonda os corações dos homens e por quem eles podem jurar. E mui admirável em si mesmo e bem ajustado à nossa necessidade é Aquele que é, ao mesmo tempo, verdadeiro homem, a semente prometida dos patriarcas, e o excelso Deus, bendito para sempre. Grande é a honra e a misericórdia de permanecer relacionado a Deus, enquanto membros da igreja, e desfrutar de seus privilégios. Contudo, ai! Muitos são os que, através de sua descrença, não alcançam a salvação espiritual e

eterna! Porém, se os homens forem salvos ou condenados, os propósitos de Deus são executados e as Suas promessas são cumpridas. Quão livre, quão soberano e cativante é o Seu amor, que cuida da eleição para com tantos pecadores, gentios assim como judeus, sem qualquer consideração a qualquer bondade antevista neles! E justa é a Sua inteira conduta, visto que Ele não retém de ninguém aquilo que Ele deve lhes dar e não pune ninguém senão por causa de seus pecados, pelos quais eles merecem e são apropriados para a destruição. Gloriosamente Ele assinala a Sua soberania sobre Suas criaturas. Então, é absurdo disputar com as Suas dispensações, ou espreitar ou perplexar-nos com os Seus secretos propósitos, especialmente quando a Sua Palavra, a qual é a nossa única regra, dá todo encorajamento razoável à fé e à santidade enquanto meios de manifestar a nossa eleição. Sim, a disputa dos homens com a soberania, misericórdia, ou justiça de Sua conduta irá provocá-Lo a entregar-lhes à cegueira judicial e à dureza incurável do coração. Multidões evitam sua própria justificação e salvação ao buscarem justiça nas suas próprias obras em oposição à justiça de Cristo. Porém, feliz e pleno é o livramento daquele que descansa somente nEle em busca de justiça e força.

CAPÍTULO X

Exibe **(1)** a profunda preocupação quanto aos judeus buscarem a justiça pela lei, rejeitando a justiça toda-suficiente de Cristo: *v. 1-4*. **(2)** Demonstra a diferença entre a justiça da lei, por meio da qual eles pensavam que seriam justificados, e a justiça da fé revelada no Evangelho: *v. 5-10*. **(3)** Demonstra que os gentios, agora, estavam no mesmo nível que os judeus quanto ao assunto da justificação e salvação, como seus próprios profetas Joel, Isaías e Moisés tinham predito: *v. 11-21*.

Anno Domini 60.

REFLEXÕES

Os ministros fiéis desejam e oram diligentemente pela salvação dos seus ouvintes. E é um pesar e fardo para o espírito deles que muitos, por ignorância, orgulho e apego à auto-justiça, recusem a Jesus e a Sua justiça e salvação oferecidas tão livremente. Porém, infinita é a misericórdia que Ele e toda a Sua plenitude são para nós, e tão aproximada a nós no Evangelho; e este Evangelho agora está estendido aos gentios tanto quanto aos judeus, e perdura por tanto tempo, até mesmo para os mais criminosos desprezadores dele. As boas novas de misericórdia e graça que o Evangelho contém são apropriadas às diversas condições de todos os homens pecaminosos que as ouvem. E, com plena persuasão e íntima aplicação, nós devemos, então, abraçá-las. Com coragem e fidelidade, os ministros devem pregá-las. E elevadamente deveriam ser estimados por causa da sua obra, desde que sejam fiéis. Porém, é criminoso e perigoso

tentar pregar sem uma comissão vinda de Cristo, ou continuar rejeitando-O e o Seu Evangelho até o tempo da paciência de Deus expirar.

CAPÍTULO XI

Aplaca as terríveis percepções da rejeição dos judeus e a sua exclusão da igreja e pacto de Deus; e demonstra **(1)** que esta [rejeição e exclusão] não era universal, mas os eleitos entre eles tinham obtido salvação por mera graça, enquanto o restante, por meio da cegueira e dureza de seus corações, ficaram aquém disso: *v. 1-10.* **(2)** Que esta [rejeição e exclusão] não é final, mas, visto que Deus rejeitou a incredulidade deles para tornar os gentios participantes dos privilégios da igreja em seu lugar, assim os gentios não devem insultá-los; antes, devem estar avisados de seu destino para vigiar contra o orgulho e a descrença, na esperança dos judeus serem novamente trazidos ao pacto e à comunhão cristã com Deus juntamente com grande parte dos gentios: *v. 11-32.* **(3)** Na forma de adoração, demonstra que as maravilhosas e insondáveis sabedoria e bondade de Deus foram manifestadas nestas dispensações surpreendentes da providência: *v. 33-36.*

Anno Domini 60.

REFLEXÕES

Terrível é imaginar que muitos membros da igreja visível serão eternamente rejeitados e arruinados. Contudo, é uma grande misericórdia que, nos piores momentos, um remanescente maior do que muitos imaginam será salvo; [é uma grande misericórdia] que toda a nossa salvação se deve à livre e rica graça de Deus; e nenhum vaso eleito pode ser definitivamente perdido. Não obstante, é absurdo para os homens tentarem conectar seus méritos com a graça de Deus, como causas conjuntas da salvação

eterna deles, enquanto uma é extremamente eversiva à outra. Terríveis são os julgamentos espirituais, especialmente quando mal são percebidos! E terrível é a providência, quando Deus lança fora uma pessoa e especialmente uma nação que Ele tem notoriamente favorecido por tanto tempo. Portanto, é necessário que todos os professantes tenham e tremam humildemente por si mesmos, e que busquem a certeza de que permanecem em Cristo através de vigorosos e repetitivos atos de fé. Porém, quando Deus lança fora uma nação, Ele supre o espaço dela em Sua igreja e pacto com outra; e, quando eles são rejeitados por muito tempo, Deus pode, não obstante, assinalar a Sua consideração aos seus ancestrais e às suas promessas feitas a eles, mostrando-lhes, no fim, favores distintos.

Bendito, de fato, será o período quando tanto os judeus como os gentios serão amplamente reunidos a Jesus Cristo. Possa o Senhor apressar este tempo! E, com reverente temor, deveríamos adorar e aquiescer em todas as Suas promessas e providências, resolvendo tudo em Sua infinita sabedoria, poder, misericórdia, equidade e elevada soberania, bem como atribuindo a glória de todas as coisas, de todos os eventos, ao Seu Nome!

CAPÍTULO XII

Inicia o aperfeiçoamento prático que deve ser feito a partir da graça soberana de Deus em nossa justificação, santificação, glorificação e remota eleição; e exorta os romanos **(1)** à uma santa dedicação de si mesmos a Deus: *v. 1, 2.* **(2)** À uma opinião humilde de si mesmos e a um comportamento modesto para com os outros: *v. 3-5.* **(3)** Ao uso fiel de seus dons espirituais em suas diferentes posições na igreja: *v. 6-8.* **(4)** Aos seus deveres comuns, enquanto cristãos particulares; a saber, ao amor, zelo, esperança, paciência, oração: *v. 9-12;* hospitalidade, mansidão, misericórdia, condescendência: *v. 13-16;* uma conduta honrada e pacífica para com todos os homens, juntamente com paciência e benevolência para com os inimigos injuriosos: *v. 17-21.*

Anno Domini 60.

REFLEXÕES

As cativantes misericórdias de Deus deveriam promover poderosamente a nossa grata dedicação de nós mesmos a Ele e ao Seu serviço. E convém aos cristãos professos terem seus corações afastados das vantagens, prazeres e cuidados deste presente mundo e de suas práticas e costumes pecaminosos, e labutarem por uma completa conformidade à Imagem de Deus e uma familiaridade experimental, prática e concorde com toda coisa boa. É muito honroso quando, em meio a grandes dons, graças e serviços, demonstramos pensamentos humildes sobre nós mesmos e uma alta estima sobre outros, e consideramos qualquer coisa que possuamos como livremente outorgada

sobre nós para o bem da igreja. Grande é a bondade de Cristo em providenciar tão plenamente dons, graças, ofícios e oficiais para a edificação das almas. E é deleitoso quando todos, com integridade, diligência e alegria, estão empregados para este fim. Oh! Que amor não fingido e ardente por Deus e pelos homens; que ódio por todas as coisas malignas; que diligência em nossos chamados; que esperança alegre pela felicidade eterna; que resignação paciente; que oração fervorosa e perseverante; que liberalidade alegre; que humildade profunda; que simpatia cordial; que concórdia e paz harmoniosas; e que retribuição desinteressada do mal com o bem são necessários para participar do caráter de um *Cristão*! E grandes são a graça e o poder de Deus, os quais são necessários para operar todas estas coisas em nosso coração e em nossa vida.

CAPÍTULO XIII

Continua a exortação prática e inculca **(1)** uma sujeição conscienciosa aos comandos lícitos dos magistrados civis, enquanto deputados de Deus apontados para o bem dos homens: *v. 1-7*. **(2)** A busca da equidade exata e do amor afeiçoado para com todos os homens, como um cumprimento da segunda tábua da lei moral: *v. 7-10*. **(3)** Temperança, sobriedade e o progresso em Cristo, no que diz respeito a nós mesmos: *v. 11-14*.

Anno Domini 60.

REFLEXÕES

Divino é o apontamento e vantajoso é o correto exercício da magistratura. E que promotora da paz, ordem e felicidade das nações é a religião cristã! Enquanto ela dirige os governantes em como desempenhar a elevada responsabilidade deles como deputados de Deus, ela exige dos súditos o reverenciá-los, honrá-los, obedecer-lhes, suportá-los e recompensá-los como tais.

Uma honestidade exata na contratação ou pagamento de débitos deve caracterizar todo cristão. E o amor cristão para com o nosso próximo é um dever permanente e uma restrição agradável e poderosa dos vícios, bem como uma coação a toda coisa virtuosa. Nenhum assassinato, adultério, roubo, falsidade, cobiça ou desordem relativa pode consistir com este amor. Porém, quão imperfeito, obscuro, perigoso e transiente é o presente estado das coisas sobre a terra! Grande é a misericórdia de que a felicidade eterna aproxima-se diariamente de todo crente. A fé e

a contemplação destas coisas fariam-nos efetivamente livrar-nos de nossa pecaminosa indolência e indiferença; evitar e aborrecer a luxúria, impureza, contenda e inveja; e receber a Jesus e a Sua justiça e graça; para que possamos estar sempre aperfeiçoando a santidade no temor do Senhor.

CAPÍTULO XIV

(1) Alerta os judeus convertidos contra o julgar e os crentes gentios contra o desprezar um ao outro por conta das suas opiniões e práticas contrárias, relativas às *coisas indiferentes*, como os alimentos e dias cerimoniais: *v. 1-13*. (2) Exorta os gentios a preferirem se abster de usar sua liberdade cristã a ofenderem seus irmãos judeus nestas coisas: *v. 14-23*.

Anno Domini 60.

REFLEXÕES

Com grande cuidado, devemos ampliar a comunhão da igreja, tanto quanto puder tender à honra de Cristo e à edificação mútua dos membros da igreja na fé e santidade. E nem as menores diferenças, as quais não afetam o sistema da verdade divina ou as [partes] vitais da religião, devem impedir a nossa intimidade mútua. Todos nós temos a necessidade de guardar-nos de um ânimo não caridoso, desdenhoso e censurador. E deveríamos estar sinceramente interessados em consolar-nos no amor de Deus para conosco, bem como em aprovar-nos para com Ele e para com a nossa consciência, com vistas a parecermos diante de Seu terrível tribunal. Que pensamentos reverentes devemos ter a respeito de Jesus Cristo como o grande Deus e Juíz do mundo! E, tendo em vista Seu julgamento imparcial e final, deveríamos, com cuidado diligente, pela fé, viver plenamente em Sua Pessoa e para a Sua glória, evitando todo julgamento não caridoso ou ofensas contra o mais fraco de seus membros aparentes. Sim! Sempre nos convém agir a partir dos princípios da fé e de uma

boa consciência em todas as coisas, e promover a edificação e a paz uns do outros; e sempre lembrarmos da excelência e da natureza espiritual das bênçãos do Seu Reino, que elas consistem não em quaisquer coisas externas, mas na justiça, paz e alegria no Santo Espírito.

CAPÍTULO XV

Continua os avanços práticos e **(1)** direciona como os crentes fortes deveriam condescender e suportar os mais fracos: *v. 1-6*. **(2)** Exorta judeus e gentios a receberem uns aos outros, como irmãos unidos em uma só igreja sob Cristo, de modo agradável às antigas promessas: *v. 7-13*. **(3)** Apresenta a razão de Paulo quanto a lidar com eles tão livremente: *v. 14-16*; sua diligência e prudência em pregar o Evangelho em muitas nações: *v. 17-21*; sua intenção de visitar Roma e Espanha depois de obtida a contribuição para os pobres santos em Jerusalém: *v. 22-29*; seu pedido quanto às orações ferventes para com ele, bem como a oração de Paulo para com eles: *v. 30-33*.

Anno Domini 60.

REFLEXÕES

Com muita sensibilidade e abnegação deveríamos portar-nos para com os nossos irmãos cristãos; e, com afeição amorosa, suportar as enfermidades do outro e buscar a edificação espiritual do outro. É uma misericórdia inconcebível termos acesso à leitura das Santas Escrituras, bem como uma grande honra sermos diligentes estudantes, pesquisadores e aprendizes delas. No ministério de Seu Filho e nas antigas promessas, Deus diligentemente estabelece a fundação da união entre judeus e gentios na mesma igreja evangélica, e Ele tem feito coisas maravilhosas para efetuar isto. Ricamente atestadas são todas as promessas em Jesus Cristo e Sua graça; e com que a alegria e paz uma crença correta preenche as nossas almas! Triplamente felizes

são aqueles que crêem nelas para a sua própria santificação do coração e da vida, pelo Espírito de Deus, e para a sua salvação eterna. Triplamente feliz é quando os ministros, dependendo inteiramente de Deus, são diligentes, fiéis e bem-sucedidos na pregação do Evangelho, e a multidão, através do Evangelho, assistida pelas influências do Santo Espírito, é convertida para Cristo e Seu serviço. E demonstra uma aparência esperançosa quando as orações fervorosas dos ministros e do povo estão unidas em favor dos interesses de Cristo e pela vantagem mútua uns dos outros; e quando a comunhão espiritual é o deleite conjunto deles.

CAPÍTULO XVI

Aqui, Paulo **(1)** recomenda Febe: *v. 1, 2*; e envia saudações aos cristãos particulares em Roma: *v. 8-16*. **(2)** Adverte os crentes romanos contra aqueles que fomentavam divisões entre eles: *v. 17-20*. **(3)** Menciona diversos amigos que se uniram a ele em suas saudações cristãs: *v. 21-24*. **(4)** Conclui com uma atribuição de glória a Deus por estender as revelações e bênçãos do Seu Evangelho aos gentios tanto quanto aos judeus: *v. 25-27*.

Anno Domini 60.

REFLEXÕES

A religião cristã deleitosamente promove a amizade e os bons modos. Ela nos ensina a prestar respeito civil, decentemente, a pessoas de todas as posições e a agradecidamente retornar favores demonstrados a nós do melhor modo que pudermos. Ela concede uma santa conversão a um comportamento santo e torna os homens sinceros em desejar a prosperidade temporal e, especialmente, eterna de seus amigos

Com profundo interesse, todos os cristãos deveriam labutar para ultrapassarem na piedade, fixarem-se na comunhão cristã, e, nas suas respectivas posições, buscarem ser úteis a todo o corpo místico de Cristo. Agradáveis são aquelas famílias que assemelham-se a uma igreja de Cristo na sua adoração, ordem e conversação. E é uma grande honra ser o primeiro ou ser eminente na fé e na profissão do Evangelho. Com cuidado exato, devem todos julgar quanto a si mesmos nos assuntos da religião, conforme às doutrinas que têm recebido de Cristo e dos

Seus apóstolos; bem como evitar aqueles que causam divisões e ofensas abordando erros ou formando partidos na igreja. Sejam quais forem as pretensões plausíveis, demonstrações de justiça ou palavras bajuladoras destes, eles sempre trazem secretamente algum propósito egoísta e carnal. Há grande necessidade, portanto, neste mundo mau, de termos tal conhecimento da verdade, para que não possam se impor sobre nós, e tal honestidade, de modo a agirmos em conformidade com o nosso conhecimento, não nos impondo sobre ninguém. Pois Satanás diligentemente promove perniciosos princípios e práticas para a perturbação e corrupção da igreja. Porém, é mui encorajador aos verdadeiros crentes que o seu Deus irá subjugar-lo rápida e inteiramente, bem como todos os seus emissários e obras. E, se a fé e a paciência suportarem um pouco mais, nós reinaremos triunfantes para sempre.

Antigas e divinas são as novas evangélicas da nossa salvação. Deleitosamente elas harmonizam-se com os tipos e predições do Antigo Testamento. E as suas ofertas e bênçãos graciosamente estendem-se a todas as nações da humanidade, e, através do Espírito Santo, tornam-se efetivas a alguns de todas as classes e graus. Com que fé e amor devem elas [as novas do Evangelho], então, ser recebidas, apresentadas, obedecidas e praticadas. E infinita é a glória a Deus na qual esta maravilhosa obra da nossa salvação resulta.